

TV+

Conhecida por personagens dóceis, Daphne Bozaski se desafia com a aprendiz de vilã Lucélia de Três Graças

POR PATRICK SELVATTI

Daphne Bozaski entrou em *Três Graças* como quem abre uma porta sem pedir licença. Como ela mesmo diz, Lucélia chegou “chegando”, carregando carisma e uma energia capaz de deslocar o eixo da novela. Em poucos capítulos, a personagem deixou claro que não estava ali para ocupar lugares previsíveis. Por trás do sorriso seguro e da postura elegante, escondia-se uma moral elástica, alianças instáveis e uma ambição silenciosa. Nada em Lucélia é simples, e talvez seja justamente por isso que tenha se tornado uma das figuras mais comentadas da trama.

Essa complexidade ganha novos contornos com a aproximação do poderoso empresário Ferette, personagem de Murilo Benício, e do chefe do tráfico Bagdá, de Xamã — dois vilões profissionais da trama criada e escrita por Aguinaldo Silva, Virgílio Silva e Zé Dasselva. Essas parcerias prometem redefinir conflitos, redesenhar alianças e colocar fogo em relações que pareciam sólidas. Inserida no núcleo do casal gay maduro Kasper (Miguel Falabella) e João Rubens (Samuel de Assis), Lucélia passa a atuar como estrategista, alguém que move peças sem levantar suspeitas, ferindo acordos e reinventando seu lugar na história.

Para Daphne, esse território é um desafio. “Fazer uma vilã é divertido pelo poder na narrativa de desestruturar, remexer na história do outro”, diz a intérprete da sobrinha órfã que vem do interior e, logo de cara, mostra sua inveja pela prima, Meg (Mell Muzillo). Depois de anos interpretando personagens marcadas pela doçura e pela empatia, ela se vê diante de um espelho diferente. “É sair da zona de conforto da Daphne. Isso tem me atraído muito na condução e na construção dela”, avalia.

O processo, segundo a atriz, exige deslocamento interno: “Não é fácil olhar para o mundo com as lentes da Lucélia.” Ainda assim, reconhece no incômodo uma medida de sucesso. “Ver o público com raiva e querendo ver mais sobre o que vai acontecer é sinal de que o objetivo está sendo atingido”, comemora a paulistana de 33 anos, mas com feições de menina.

A construção da personagem passa por um ritual sensível. Daphne parte de imagens, filmes e, sobretudo, da música. “Uso músicas que me coloquem na atmosfera da personagem e entendo a energia dela em cada cena”, explica. A trilha emocional funciona como chave de acesso à mente de Lucélia. O maior desafio é encontrar o equilíbrio. “Colocar fogo nas cenas, mas não deixar ela se queimar”, resume. É nessa fronteira que nasce a ambiguidade: mostrar quem a personagem é e quem ela finge ser.

Bem longe da zona de conforto

